

RESENHA

Georg Lukács: etapas de seu pensamento estético de Nicolas Tertulian

Lúcia Ap. Valadares Sartório*

TERTULIAN, Nicolas. *Georg Lukács: etapas de seu pensamento estético*. São Paulo: Editora Unesp, 2008. 301 p.

Em agosto deste ano a Editora Unesp nos surpreendeu com a publicação de uma obra fundamental para o entendimento da produção teórica de um dos maiores filósofos marxistas do século XX: Georg Lukács – etapas de seu pensamento estético, denso estudo elaborado pelo professor romeno Nicolas Tertulian.

Radicado em Paris desde o início da década de 1980, Tertulian se notabilizou como diretor de estudos da École des Hautes Études en Sciences Sociales e como estudioso do pensamento estético não apenas de Lukács, mas também de Theodor Adorno, Martin Heidegger e Benedetto Croce, entre outros. Mas dedicou-se particularmente à continuidade da sua pesquisa de doutorado As estéticas de Croce e Lukács, na medida em que despendeu esforços e dedicação ao estudo perspicaz da trajetória intelectual de Lukács.

Com tradução de Renira Lisboa de Moura Lima e apresentação de Ester Vaisman e Rainer Câmara Patriota, Georg Lukács – etapas de seu pensamento estético, além de possibilitar uma maior aproximação ao pensamento estético do filósofo húngaro, remete-nos aos dilemas e aos grandes enfrentamentos ocorridos no século passado, tanto em decorrência da intensa ação contrarrevolucionária burguesa como também pela degenerescência desencadeada no interior do Partido Comunista sob a liderança de Stalin. As crises social e humana que irromperam a partir daí provocaram o esfacelamento das relações sociais e a perda de referenciais teóricos.

Curiosamente, o presente estudo de Tertulian é publicado no Brasil com quase três décadas de atraso em relação à sua versão francesa, elaborada por

* Graduada em ciências sociais, mestre em filosofia pela PUC-SP, doutoranda em educação pela UFSCar.

Fernand Bloch; entretanto, mesmo com atraso, antecede à maioria dos estudos estéticos do próprio Lukács: com exceção de sua obra de juventude *A teoria do romance*, do ensaio “O romance como epopéia burguesa” e dos *Prolegômenos a uma estética marxista*, de certa forma já conhecidos pelo público brasileiro, ainda continuam inéditos estudos expressivos, como *A alma e as formas*, *A estética de Heidelberg*, *O romance histórico*, *Contribuições à história da estética* e *a grande Estética* – o que indica que não apenas os pensamentos filosófico e político de Lukács continuam desconhecidos, mas também as categorias estéticas por ele desenvolvidas.

De forma magistral, Tertulian procura apresentar não apenas o perfil de Lukács como um intelectual que buscou apreender o que é peculiar às produções artísticas, mas, principalmente, como um homem que buscou aproximar-se integralmente da realidade por meio do seu entendimento e manter com coerência os seus princípios, num período completamente nebuloso, pelos efeitos da guerra fria, no qual tudo parecia perdido. Assim, imbuído de um esforço intelectual fenomenal, mostra Tertulian, o filósofo húngaro procurou, em seus estudos estéticos, fortalecer o pensamento de Marx, bem como salvaguardar os ideais do comunismo frente ao lamaçal produzido pelo stalinismo.

Georg Lukács – etapas de seu pensamento estético está dividido em sete ensaios. No primeiro – “A evolução do pensamento de Georg Lukács” – Tertulian procura elaborar uma espécie de apresentação geral do pensamento lukacsiano, tecendo breves e precisos comentários acerca de suas primeiras produções até alcançar o patamar de uma reflexão mais densa e amadurecida no que se refere à apreensão do objeto estético, o que necessariamente levou o pensador húngaro a se deparar com a filosofia de Kant, Hegel, Croce, Schiller e outros.

Nesse sentido, mostra Tertulian, o desenvolvimento teórico de Lukács se deu por meio das diferentes interlocuções com os filósofos com os quais dialogava acerca do significado da arte. E foi exatamente esse o percurso que o levou a Marx: “A ortodoxia em matéria de marxismo era definida por Lukács como a convicção de que, com o marxismo, tinha sido encontrado o método de pesquisa adequado, método que só podia ser desenvolvido, aperfeiçoado ou aprofundado no sentido dos seus fundadores” (Tertulian, 2008, p. 24). Mas é nesse ensaio também que Tertulian põe em discussão análises, em torno do filósofo húngaro, que mostram a tendência de alguns em valorar suas obras de juventude em detrimento de suas obras de maturidade, ou seja,

de incorporarem muito bem Teoria do romance e História e consciência de classe, por exemplo, e rejeitarem a Estética e a Ontologia, mesmo a despeito da autocrítica de Lukács sobre o desenvolvimento do seu pensamento.

Tertulian ressalta que Lukács, em sua juventude, escreveu *A alma e as formas*, *A teoria do romance e História do drama moderno* ainda sob influência de Kant e Simmel, embora o filósofo húngaro já houvesse manifestado uma crítica à vida artificial da sociedade capitalista, um apontamento sobre a “oposição entre o caráter ‘orgânico’ da vida comunitária das épocas pré-capitalistas e o caráter ‘mecânico’ ou ‘abstrato’ da existência no quadro da civilização burguesa” (Tertulian, 2008, p. 27). A epopéia na Antigüidade expressava a harmonia entre a objetividade e a subjetividade, os indivíduos estavam inteiramente articulados com as ações da coletividade. O romance desponta num momento em que a sociedade torna-se completamente heterogênea e complexa, o mundo objetivo torna-se “frio, convencional, petrificado”, trivial.

No ensaio “Às origens do pensamento estético de Georg Lukács” Tertulian apresenta ao leitor a dedicação do jovem filósofo em compreender a arte e distinguir a grande arte das atividades estéticas menos relevantes. A especificidade do drama moderno em relação ao drama construído no Renascimento ou na Antigüidade. A onipotência do dinheiro a partir da modernidade desencadeou o desequilíbrio entre subjetividade e objetividade, restando ao indivíduo apenas o “papel de simples acessório, de peão subalterno entre forças impessoais que o envolveriam e o ultrapassariam” (Tertulian, 2008, p. 69). Os indivíduos passam pela solidão mais profunda como resultado da dissolução entre os membros da sociedade e dos valores morais, processo que criou situações desfavoráveis à concretização do drama na obra de arte e instigou Lukács a investigar as novas formas sociais.

Impreterivelmente, ele teve de se deparar com o movimento romântico, com as posições de Novalis, a sua tendência de sobrepor a individualidade à objetividade e transformá-la “num puro movimento do espírito poético”, posição que levou Lukács a concluir que os românticos tinham a pretensão “de suprimir por uma operação mágica de soberana vontade as asperezas, as contrariedades e os limites da existência objetiva, e de realizar uma feliz osmose entre a lei do sonho e o movimento real” (Tertulian, 2008, p. 72). Os românticos defendiam a poetização do destino, não queriam construí-lo nem tampouco transformá-lo, pelo contrário, romanticizaram a morte. Em sua crítica, afirma Tertulian, Lukács mostrou que os românticos, ao se pren-

derem à subjetividade estética, recusavam os elementos mais profundos da realidade.

Tertulian busca ressaltar, ainda, que a vida na modernidade sofreu uma mudança radical em relação à Antigüidade e à Idade Média: “a cisão entre ‘existência’ e ‘destino’, entre ‘aventura’ e ‘realização’, entre ‘vida’ e ‘essência’” (Tertulian, 2008, p. 91). Os indivíduos perderam a imanência do sentido porque a vida real encontra-se substantivada no vazio. E aí se situam problemas da arte na atualidade, pois a forma precisa se remeter a um conteúdo, mas, se o mundo empírico tornou-se o caos completo, a alternativa que fica para o artista é a produção da forma como “produtividade do espírito”, posição que culminou no culto da forma.

No ensaio “A teoria do romance”, Tertulian procura desenvolver a análise da obra homônima, na qual Lukács tratou dos diversos gêneros literários, relacionando história e filosofia, em meio a turbulência das várias demandas de estudos que se colocavam diante dele. Nela, Lukács expôs seu criterioso estudo sobre a literatura de Dostoievski, no qual se envolveu com questões relativas à “ética metafísica” e à “filosofia da história”.

Segundo Tertulian,

A dialética estética das formas literárias exposta no estudo de Lukács é a projeção de uma meditação ininterrupta sobre a condição humana em suas diferentes hipóteses históricas. O próprio livro nasceu de uma profunda necessidade espiritual. As grandes obras lembradas, das *epopéias homéricas* ao *Dom Quixote*, de *Wilhelm Meister a Educação sentimental* e a *Guerra e paz*, são caracterizadas não somente como realidades estéticas autônomas, mas também como etapas de um interminável itinerário espiritual no qual vemos perfilarem-se os dilemas e as antinomias do autor (Tertulian, 2008, p. 107).

A *Teoria do romance*, afirma Tertulian, precisa ser entendida não apenas na sua proximidade com o pensamento hegeliano, pois ela também revela todas as tensões e descobertas de Lukács no processo de sua elaboração, o seu estado emocional diante da Primeira Guerra Mundial – era, de fato, a primeira vez que ocorria uma guerra universal, com todas as tendências negativas sobre a humanidade. O filósofo húngaro prosseguiu, e por certo período, mesmo após a sua adesão ao marxismo, valeu-se dos conceitos hegelianos: no centro de seus estudos estava a busca pelo entendimento da grande literatura épica, do vínculo existente entre ética, filosofia da história e estética, mas o seu método era especulativo. Lukács explicou a dissolução da epopéia e o aparecimento do romance pela modificação transcendental do espírito.

Na sua brilhante habilidade de relatar as transformações do pensamento

de Lukács, Nicolas Tertulian prima por destacar a relevância que a descoberta do manuscrito inédito da estética, escrito na juventude “para cobrir arestas”, para o entendimento acerca do processo de formação estética do filósofo húngaro e a sua dedicação para compreender a natureza da arte. Assim, no ensaio “A estética da juventude”, Tertulian procura apresentar ao leitor desde suas primeiras análises, ainda sob influência do pensamento kantiano, em seguida, sua passagem pelo pensamento de Hegel, até alcançar o pleno desenvolvimento das categorias do seu pensamento estético. A questão lançada por Tertulian para discorrer sobre o processo de formação do pensamento estético lukacsiano é a seguinte: “teria Lukács conseguido, em seu sistema estético final, se libertar dos julgamentos e concepções com que essa hereditariedade híbrida o sufocava, e teria chegado a exprimir a natureza original da arte por um conjunto de conceitos homogêneo sob o aspecto estritamente filosófico?” (Tertulian, 2008, p. 120).

Em relação à obra *O romance histórico*, Tertulian aponta, em ensaio homônimo, que ela foi desenvolvida quando as concepções marxistas tomaram forma, chamando a atenção para as condições em que ela foi escrita por Lukács (pois o filósofo húngaro havia superado suas posições sectárias expressas em *História e consciência de classe*). A ascensão do fascismo e a divisão interna no Partido Comunista Húngaro foram fatos que contribuíram para que Lukács tomasse a posição de defender a consolidação de uma ampla frente democrática e o abandono dos extremismos revolucionários descolados do concreto. Embora suas teses políticas – conhecidas como *Teses de Blum* – tenham sido rechaçadas no congresso do Partido Comunista, Lukács seguiu convicto sobre a importância das suas conclusões.

A sociedade burguesa assumiu sua forma mais perversa no início do século, com uma postura maligna através da repressão e do terror: o avanço do fascismo procurou aniquilar não apenas os movimentos operários, mas também os valores democráticos burgueses erguidos pelo movimento iluminista. Nesse sentido, Lukács não poderia separar o seu pensamento estético das suas convicções políticas e ideológicas, questões que aparecem bem vivas n’*O romance histórico*. Nesta obra Lukács também tratou da natureza da obra literária e evidenciou o modo pelo qual os grandes escritores conseguem apreender a experiência histórica e trazê-la para a atividade criadora e figurativa, traçando um paralelo entre as obras literárias de Stendhal e Balzac e analisando os romances de Flaubert e Conrad Ferdinand Meyer.

A *Estética* se tornou a grande obra no campo da arte e abriu caminhos para o entendimento do pensamento de maturidade de Lukács, das suas descobertas

tas em torno da relação sujeito-objeto. A *Estética* de Lukács foi construída valendo-se de algumas categorias que seriam desenvolvidas posteriormente na *Ontologia do ser social*, e apresenta uma acentuada reflexão no campo da antropologia filosófica. Mas, nesse seu percurso, recebeu críticas contundentes de seus contemporâneos: Ernst Bloch, por exemplo, imputou a Lukács uma “relativa cegueira a respeito do substrato ‘de natureza utópica’ de toda obra de arte verdadeira. Lukács teria permanecido prisioneiro de uma relação de aderência estreita demais entre condicionamento econômico-social e a estrutura da obra de arte, insensível à emergência de sua dimensão utópica” (Tertulian, 2008, p. 191). Sartre tentou provar diversas vezes que Lukács não considerou as “mediações complexas que ligam a estrutura de certos fenômenos espirituais a seu substrato sociohistórico” (Tertulian, 2008, p. 192). Adorno acusava Lukács de “negligenciar a função mediadora específica da subjetividade estética, a metamorfose *sui generis* que sofre a matéria empírica no processo de criação artística” (Tertulian, 2008, p. 194).

Algumas críticas foram acertadas, outras, completamente equivocadas, mas o fato é que Lukács procurou seguir um itinerário investigativo da arte e não aceitou confundir, em nenhum momento, as esferas da atividade humana, isto é, insistiu em evidenciar que arte e ciência são atividades espirituais completamente distintas. O percurso trilhado por Lukács direcionou-se justamente a compreender o fenômeno estético, e seguiu essa meta na sua obra escrita em 1957, *O particular como categoria estética*; aí “fez a divisão metodológica de seu tratado estético entre uma parte dominada pelo ponto de vista do materialismo dialético e uma outra essencialmente sob o domínio do materialismo histórico (a arte como fenômeno sociohistórico) (Tertulian, 2008, p. 196). Lukács esteve, ainda, envolto num debate com Bertolt Brecht acerca da obra dramática e da concepção do realismo como o representante da verdadeira obra de arte, capaz de expressar a universalidade em todos os lugares. A questão que se colocava para Lukács era evidenciar a importância da atividade estética para o homem, sem cair no utilitarismo predominante no século XX, como importante meio pelo qual o homem pode vir a se reconhecer e se transformar, a adquirir consciência de si.

No último ensaio – “Notas sobre o último Lukács” – Tertulian procura chamar a atenção para a importância das duas últimas obras do filósofo húngaro e o papel que elas cumpriram no contexto tanto do Leste Europeu como do stalinismo: *Estética* e *Ontologia do ser social*. A deterioração dos princípios, a corrupção que paulatinamente foi se tornando generalizada, retirava

as esperanças da transição para o socialismo, pois o que se mostrava era uma “crise profunda dos antigos valores, tanto os do Ocidente capitalista como os do socialismo de caserna à Stalin” (Tertulian, 2008, p. 294). Mas exatamente por pensar aquela crise como um período de transição é que Lukács tentava enxergar em meio àquelas circunstâncias as possibilidades de transição efetiva para o socialismo. Por isso, em sua crítica ao stalinismo, procurou evitar o fortalecimento da guerra fria ou da derrocada completa dos ideais do comunismo.

Lukács foi um homem lúcido do seu tempo, um homem que, inicialmente, buscou desenvolver a ética e encontrar sua relação com a estética, acabando por enveredar para o campo da ontologia como resposta às suas indagações. Esta obra de Tertulian traz ao leitor uma riqueza de acontecimentos extremamente esclarecedores sobre um período ainda nebuloso, marcado por intrigas, guerras subterrâneas, contra-revoluções burguesas, aniquilamento da vida. Mas foi nessas condições que um homem como Georg Lukács produziu um conjunto de obras de grande relevância não apenas para a compreensão da arte, como também para o fortalecimento do pensamento de Marx e do resgate das lutas pela emancipação humana.

